

Efeito funcional no uso variável de preposição

Cristina Abreu Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro/PEUL

Abstract

This article focuses on the functional role of variation in the study of the variable use of the preposition that introduces the dative complement of ditransitive verbs in Brazilian Portuguese. We show that the occurrence of the three detected variants – <a>, <para>, <0> – exhibit functional conditioning among mechanical effects. The process is constrained by the iconicity of the preposition, according to Haiman's iconic motivation.

INTRODUÇÃO

No estudo da mudança lingüística sob o enfoque variacionista, faz-se necessária a descoberta de princípios, condicionamentos e causas dos processos variáveis. Essas motivações têm sido buscadas na lingüística teórica, conforme postulado no texto clássico *Empirical Foundations of a Theory of Language Change*¹ (Weinreich, Labov e Herzog, 1968). Essa proposição coloca então a questão de como devem ser equacionadas as contribuições oriundas de teorias de abordagem formal ou funcional. Labov (1987) argumenta que existe uma tendência exagerada na adoção de explicações funcionais no condicionamento da variação e considera ser possível chegar-se a uma posição mais equilibrada sobre o efeito de fatores mecânicos e fatores funcionais. Os resultados de suas pesquisas sobre diversos estudos de fenômenos variáveis estáveis nos níveis fonológico e morfológico indicam que, embora a hipótese funcionalista pré-estabeleça que a escolha entre as variantes é feita na direção daquelas que preservam informação, as escolhas têm obedecido a condicionamentos mecânicos. Assim Labov mantém sua posição mesmo para aqueles fenômenos que apresentam condicionamento de ordem funcional, como *status* informacional dado/novo.

Muitos têm sido os caminhos trilhados pelos sociolingüistas na busca de parâmetros que melhor enquadrem as variações observadas. Scherre (1996:42) propõe que se considere a posição de Du Bois (1985), denominada “funcionalismo moderado”, que reconhece “a existência de forças internas e externas atuando sobre a língua”, sendo esta definida como um sistema adaptativo, “cujo funcionamento é regido por forças internas em competição, por forças externas igualmente em competição e forças internas e externas em competição entre si, que, mais cedo ou mais tarde, caminham para uma resolução”.

Alguns trabalhos sobre o uso variável de preposição no português do Brasil já apontaram a interferência de efeito funcional no condicionamento das variantes. Mollica (1989) mostrou que a presença da preposição *de* em estruturas sentenciais introduzidas pelo complementizador *que* indica um distanciamento do falante em relação ao conteúdo proposicional. Saraiva (1988), baseando-se no princípio da iconicidade formulado por Haiman (1983), observa que a ausência de preposição em complementos verbais adjacentes ao verbo pode indicar que o complemento é mais afetado pelo verbo.

Neste artigo pretendemos discutir a atuação da motivação icônica de Haiman no uso variável da preposição que introduz o objeto indireto de verbos bitransitivos no português. O uso variável da preposição que introduz o objeto indireto de verbos como *escrever*, *dizer*, *pedir* e outros, investigado em falantes da cidade do Rio de Janeiro, revelou a atuação de efeito funcional juntamente com condicionamentos mecânicos (estruturais). O complemento verbal dos verbos citados pode ser introduzido por preposição, sendo esta a preposição *a* ou a *para*, ou com a omissão da preposição, conforme exemplificado a seguir:

- (1) a) Meu tio comprou e deu (o passarinho) pro meu pai. (ALX55)
- b) Dá mais um apoio a ele. (3HB)
- c) Só pedir um comprovante o seu Aurino. (JUP06)

O PRINCÍPIO DA ICONICIDADE

O princípio da iconicidade, segundo Haiman (1983), prevê que a relação entre forma e função é motivada e pode ser estabelecida de acordo com os seguintes pontos:

- a. a distância lingüística entre expressões corresponde à distância conceptual entre elas;
- b. a separação lingüística entre expressões corresponde à independência conceptual do objeto ou evento que representa.

Haiman observa que, em termos intuitivos, é possível estabelecer que a distância entre o verbo transitivo e seu complemento é menor que a distância entre verbo intransitivo e seu complemento: verbos transitivos afetam seu objeto, enquanto intransitivos não. Existe uma correlação entre caso do objeto e transitividade do verbo. Tanto em línguas do tipo nominativo/acusativo como em sistemas ergativos, a distância conceptual entre verbo e objeto é maior se o objeto está no caso oblíquo, como dativo ou instrumental. É possível estabelecer uma correlação entre o contraste semântico direto/indireto e sua expressão fonológica através do seguinte princípio:

“Em nenhuma língua a expressão fonológica da marca de caso direto terá maior tamanho que a correspondente marca do caso indireto”.²
(Haiman, 1983:792)

O princípio prevê que não existe nenhuma língua cuja marca de caso de objeto oblíquo seja “menor”, isto é, tenha menos massa fônica, que a correspondente marca de objetos diretamente afetados. Haiman defende que existe um nível de representação sintática onde esse princípio é um índice icônico da distância conceptual. Ou seja, o afixo de caso, ou preposição, ou posposição, que denota relação gramatical, ocorre entre o verbo e o complemento. No entanto, há registro de ordens do tipo V O CASO e CASO O V. Também não é o significado da marca de caso (afixo, preposição ou posposição) que é diretamente responsável pela diferença de significado entre as construções V + O e V + X O. O que todas essas partículas compartilham, apesar da substância semântica específica com que podem contribuir, e que as torna apropriadas para a função abstrata de assinalar a baixa transitividade, é o volume fonológico.

DESCRIÇÃO DO FENÔMENO

Conforme já mostrado em Gomes (1996), em estudo sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro,³ o sintagma preposicionado que funciona como objeto indireto (OI) de verbos bitransitivos pode

ser expresso de três maneiras: sem preposição (v. exemplos em 2 a e 2 a'), introduzidos pela preposição *a* (v. exemplos em 2 b) e introduzidos pela preposição *para* (v. exemplos em 2 c). O português brasileiro apresenta a possibilidade de ocorrência nula da preposição mesmo que OI esteja em posição de não-adjacência ao verbo. Observem-se os exemplos a seguir:

(2) Ausência de preposição

- a) não tem um cara lá na Itália querendo dar um presente <0>
o *Papa?* (Amostra Censo)
se uma mulher séria me dá atenção <0> *qualquer pessoa*
(Amostra MOBREAL)
papai Noel não vai me dar, pedi (0) meu pai (Amostra Censo)
- a') Eu vendi <0> *ela* dois voto (Amostra Censo)
depois que eu perguntei <0> *minha mãe* que ela foi e disse
a verdade (Amostra MOBREAL)
(Napoleão) ele permite <0> *os países que estavam no seu*
domínio... o continente todo... de negociar com a Inglaterra
(Amostra NURC)

Presença da preposição *a*

- b) Aí dei *a ele* o jogo (Amostra Censo)
expriqueei a situação *a ele*
eu indiquei *a vocês* uma bibliografia básica (Amostra NURC)

Presença da preposição *para*⁴

- c) O Estado dá o serviço *pa companhia* (Amostra MOBREAL)
olha eu ensino o 'A E I O U' *pra* eles e olho. (Amostra Censo)
eu posso perguntar, por exemplo, a seguinte coisa *para vocês*
(Amostra NURC)

O fenômeno em questão constitui um processo de mudança em progresso.⁵ Foram consideradas quatro faixas etárias: 7-14, 15-25, 26-49, 50-. A variante *para* lidera em relação a *a* entre os mais jovens e, inversamente, a realização de *a* é mais freqüente entre os mais velhos. A variante <0> mantém-se constante, decrescendo na faixa acima de 50 anos (cf. Gomes, 1996:84-86).

A avaliação social pode ser vista indiretamente pela distribuição das variantes por nível de escolaridade. A variante <0> é mais freqüente entre os falantes de escolaridade mais baixa – MOBREAL e Primário, 32% e 21%, respectivamente, e decresce nas outras faixas, chegando a 2% entre universitários. A preposição *a* apresenta uso inversamente proporcional ao observado para a ausência de preposição, isto é, aumenta a freqüência de seu uso à medida que aumenta o nível de escolaridade – 6% entre os mobrealenses e 63% entre os universitários. A variante <para> apresenta distribuição uniforme em todos os níveis, crescendo entre os que possuem 2º grau. Esses resultados levaram-nos a inferir indiretamente o tipo de avaliação social que pode estar sendo atribuída a cada variante: <a> é a forma de prestígio, <para> é neutra, podendo servir como estratégia de esquiva à variante <0>. Quanto à possibilidade de ser atribuído estigma à ausência de preposição, não tivemos resultados de uma avaliação direta dos falantes, no entanto é fato que se trata de uma variante evitada por falantes de maior nível de escolaridade.

EFEITO FUNCIONAL E ESTRUTURAL NA REALIZAÇÃO DE PREPOSIÇÃO

As hipóteses que prevêm a realização das três variantes que introduzem OI – <0>, <a>, <para> – baseiam-se tanto em aspectos estruturais quanto em aspectos funcionais. As preposições têm como uma de suas propriedades a de marcar o caso oblíquo, portanto é de se esperar que objetos indiretos não-adjacentes ao verbo venham preferencialmente introduzidos pela preposição. Essa suposição ancora-se na análise de Stowell (1981) que propõe a condição de

adjacência para a atribuição de caso. As preposições também podem veicular algum significado. Lobato (1989) aponta para um grupo de preposições que têm seu significado dependente do elemento ao qual se combinam. No caso específico dos verbos bitransitivos, as relações temáticas observadas entre o verbo e OI podem ser meta, beneficiário e locativo, conforme pode ser observado nos exemplos a seguir: *Enviei uma carta a João, Dei o livro a João, Levei João ao cinema*. A presença e a ausência da preposição poderiam ainda revestir-se da função de indicar, respectivamente, indiretividade e maior afetamento do objeto, de acordo com o que já foi apontado em Mollica(1989) e Saraiva(1988). No entanto, contrariamente ao postulado no princípio de Haiman, a análise dos dados referentes ao uso variável da preposição de objetos indiretos revelou que a preposição também pode servir para indicar o maior grau de afetamento do objeto.

Vejam, na Tabela 1, os resultados relativos à atuação do grupo de fatores “distância em relação ao verbo”. A adjacência favorece a presença de *para* e é o ambiente em que a ausência de preposição é mais freqüente.

Tabela 1 - Distância em relação ao verbo

	<0>		<A>		<PARA>	
	F.	P.R.	F.	P.R.	F.	P.R.
adjacente	32/148 (22%)	.624	42/148 (28%)	.155	74/148 (50%)	.221
não-adjacente	3/114 (3%)	.128	57/144 (50%)	.512	54/114 (47%)	.360
Total	35/262 (13%)		99/262 (38%)		128/262 (49%)	

F=freqüência; P.R.= peso relativo

Conforme observamos anteriormente, sendo a marcação de caso uma propriedade da preposição, é de se supor que sua presença será favorecida quando o objeto estiver não adjacente ao verbo.

A ocorrência de OI e OD dentro do sintagma verbal também deve ser analisada para que os resultados relativos à alternância da preposição sejam explicados. Observamos que a adjacência de OI em relação a V ocorre em função dos seguintes fatores: a) realização nula de OD; b) natureza morfológica de OD e OI; c) tamanho de OI e OD; d) animacidade de OI; e) motivação funcional (função icônica). Se OD é uma oração, a tendência é OI vir adjacente a V. Se OD e OI são sintagmas não-oracionais, virá adjacente ao verbo o sintagma que for menor. Se OI e OD são marcados como [-animados], a ordem preferencial é V OD OI. Os objetos indiretos [-animados] no cópús ocorreram invariavelmente na ordem OD OI como em: *eles não dão ênfase a isso; ela levava a gente sempre _ o quadro para fazer alguma coisa* (Amostra Censo). No entanto, a proximidade sintática entre V e OI pode estar indicando um maior afetamento do complemento indireto, o que torna esse contexto mais propício à ocorrência de <0>. Foram observados casos de ordem V OI OD que não se enquadram em nenhuma das situações descritas em b) e c): o tamanho dos dois sintagmas é basicamente o mesmo, ambos são não-oracionais: *ai deia ele o jogo; ai eu deiela dois voto; Ai Jesus Cristo deu pra ele uma inteligência* (Amostra Censo).

Podem parecer contraditórios ao princípio da iconicidade formulado por Haiman afirmar que a presença de uma determinada preposição torna mais claro o grau de afetamento entre verbo e complemento. Haiman (1983) postula que a simples presença da preposição, independentemente de seu significado, contrapõe verbos de baixa transitividade a verbos de alta transitividade. No entanto, no caso específico dos verbos bitransitivos, o estigma atribuído à variante <0> proporciona condições de propagação da variante <para>, que é mais “icônica”, ou mais transparente ao significado de maior afetamento do objeto [+animado] que a variante <a>. A frequência alta no cópús de <a> acompanhando objetos marcados semanticamente pelo traço [-animado] ratifica essa interpretação, uma vez que objetos desse tipo têm uma relação mais abstrata, portanto menos transparente, com o verbo, exceção feita

aos complementos locativos. Assumimos, então, que a iconicidade da preposição *para* está associada à transparência semântica de seu significado. A sua função é tornar mais claro o grau de afetamento existente entre V e OI da mesma maneira que a ausência de preposição. Mas sendo a variante *zero* uma variante estigmatizada, a tendência será a sua substituição por uma outra preposição não-marcada em termos de formalidade e mais transpá-rente para o significado de orientação entre pessoas do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado aqui procurou demonstrar que, ao lado de condicionamentos estruturais, o uso variável da preposição de objetos indiretos apresenta condicionamento funcional. Da mesma maneira, a adjacência possui duas facetas: uma formal e outra funcional. Nos nossos dados a adjacência de OI em relação a V parece ser motivada tanto por aspectos estruturais como de natureza funcional. A ordem dos elementos do sintagma verbal de verbo bitransitivo merece um estudo à parte, pois constitui-se também num estudo de variação lingüística.

NOTAS

¹ “In relation to language change, each refinement in the theory of language structure (and the same could be said about refinements in the theory of speech communities) had the following potential effects:

(a) a reclassification of observed changes according to new principles;

(b) proposal of fresh constraints on change; and

(c) proposal of new causes of change”. (Weinreich, Labov & Herzog, 1968/1971:126)

² “In no language will the phonological expression of a direct case be bulkier than that of the corresponding indirect case” (Haiman, 1983:792).

³ O córpus-base utilizado na quantificação e análise foi coletado na Amostra Censo que é composta por falantes com nível de escolaridade de primário, ginásio ou colegial. Incluímos dados da Amostra MOBREAL (semi-alfabetizados) e da Amostra NURC (universitários) para ratificar os resultados encontrados para o grupo de fatores Escolaridade na Amostra Censo.

⁴ Foram registradas diversas realizações fonéticas da preposição *para*, dentre elas *prá*, *p'o* ou *p'á* (a consoante inicial da preposição junta-se diretamente à vogal da palavra seguinte) e *para*.

⁵ É importante acrescentar que registramos a presença da alternância de <0> e <a> desde o português arcaico. A ausência de preposição foi registrada em casos de OI adjacente ao verbo. A preposição *para* é variante que aparece posteriormente. Até agora já localizamos referência à presença de *para* no português europeu no início do século XIX.

“E o caualleyro, veendo que lho nom queria filhar elrey per nehua guisa o castello, ouve d'ir a Alemanha e a Lombardia e a Ingraterra ea França e a Çezilia e a Navarra e a Aragom e a Castella e a Leom, e preguntou <0> todollos reys e <0> todollos primçepes e *a* todollos homeens de todallas terras como poderia leixar aquell castello a seu salvo,...”

() “Item mandamos que dem em soldada *ao* mayoral das vacas e *ao* alfeireyro e *ao* pousadeiro senhas vacas paridas, e *aos* outros manços senhas iuencas prenhes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, Christina Abreu. *Aquisição e perda de preposição no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1996.
- HAIMAN, John. Iconic and economic motivation. *Language* 59, 1983.
- LABOV, William. The Overestimation of Functionalism. In: Drivén, R. & Fried, V. (Ed.ª) *Functionalism in Linguistics*. Linguistic and Literary Studies in Eastern Europe. vol. 20, Amsterdam: John Benjamins, 1987.
- MOLLICA, Maria C. de M. *Queísmo e Dequeísmo no Português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1989.
- SARAIVA, Maria Elizabete F. A elipse de preposição no português à luz da motivação icônica. *Estudos Lingüísticos*. XVI Anais dos Seminários do GEL. Taubaté, 1988.
- SCHERRE, Maria Marta P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: Oliveira e Silva, G. & Scherre, M. M. P. (Org.ª) *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.39-50.
- STOWELL, T. Origins of phrase structure. Tese de Doutorado, MIT, 1981.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. Empirical foundations of a theory of language change. In: Lehmann, W. P. and Malkiel, Y. (Ed.ª). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.